

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-5, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.44402</p>	

SEÇÃO: COMUNICAÇÃO SOCIAL

Exemplo de análise discursiva à luz dos estudos culturais por Moisés de Lemos Martins

Example of discursive analysis based on cultural studies by Moisés de Lemos Martins

Ejemplo de análisis discursivo a la luz de los estudios culturales por Moisés de Lemos Martins

Antonio Hohlfeldt¹

orcid.org/0000-0001-5284-8730
a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Eduardo Comerlato¹

orcid.org/0000-0002-5337-1281
educomerlato@hotmail.com

Recebido em: 16 fev. 2023.

Aprovado em: 26 abr. 2023.

Publicado em: 24 out. 2023.

Resumo: Neste artigo, prestamos homenagem a Moisés de Lemos Martins, professor da Universidade do Minho (UMinho), em Portugal, pela qual foi distinguido com o Prêmio Mérito Científico, em 2016. Relembramos a trajetória do pesquisador, que se formou na Universidade de Estrasburgo, em 1984, bem como suas contribuições para os estudos culturais. Destacamos especialmente sua obra *O olho de Deus no discurso salazarista*, livro que guia as reflexões deste artigo em honra a sua figura.

Palavras-chave: comunicação social; Moisés de Lemos Martins; estudos culturais.

Abstract: In this article, we pay a tribute to Moisés de Lemos Martins, professor at the University of Minho (UMinho), in Portugal, for which he was awarded the Scientific Merit Award in 2016. We recall the trajectory of the researcher, who graduated from the University of Strasbourg in 1984, as well as his works that contributed to cultural studies, such as *O olho de Deus no discurso salazarista*, a book that conducts the reflections of this article in his honor.

Keywords: social communication; Moisés de Lemos Martins; cultural studies.

Resumen: En este artículo, rendimos homenaje a Moisés de Lemos Martins, profesor de la Universidad de Minho (UMinho), en Portugal, por lo que recibió el Premio al Mérito Científico en 2016. Recordamos la trayectoria del investigador, egresado de la Universidad de Estrasburgo en 1984, así como sus obras que contribuyeron a los estudios culturales, como *O olho de Deus no discurso salazarista*, libro que conduce las reflexiones de este artículo en su honor.

Palabras clave: comunicacion social; Moisés de Lemos Martins; estudios culturales.

Moisés de Lemos Martins é professor da Universidade do Minho (UMinho), em Portugal, pela qual foi recentemente homenageado com o Prêmio Mérito Científico (2016). Ele dirige o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Sob o seu entusiasmo, o CECS mantém relações institucionais com múltiplas universidades brasileiras, notadamente na Bahia, em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, com cujos professores Moisés de Lemos Martins desenvolve múltiplas



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

atividades. Também liderou a criação do Museu Virtual da Lusofonia², recentemente reconhecido pela UNESCO. Contudo, o professor Moisés de Lemos Martins, amplamente conhecido de pesquisadores e alunos de Comunicação em todo o Brasil, se aposentou em março de 2023, pois completou 70 anos de idade e, pela legislação das universidades públicas de Portugal, sua retirada foi compulsória.

Deixa, o professor Moisés de Lemos Martins, no entanto, um conjunto admirável de estudos, parte deles arrolada em livros (ainda de papel, o que certamente muito lhe agrada), alguns apenas digitais; artigos múltiplos, mas, o que é muito mais significativo, um conjunto extraordinário de alunos, aos quais deu aulas, orientou em trabalhos de graduação, de mestrado, de doutorado ou mesmo de pós-doutorado. Atuou, sobretudo, nos campos da semiótica, dos estudos culturais e, mais recentemente, vinha se dedicando, com todo o entusiasmo que lhe é característico, às questões da lusofonia. Dentre os vários títulos que produziu, basta citarmos exemplos como: *Imagem e pensamento* (2011, reeditado em 2017, em conjunto com M. Oliveira, J. Godinho e J. B. de Miranda), *L'imaginaire des médias* (2011, com M. Maffesoli), *Do post ao postal* (2014, com M. L. Correia), *Para uma inversa navegação. O discurso da identidade* (1996), *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs* (2011), *A lusofonia e a interculturalidade. Promessa e travessia* (2015), e assim por diante.

O professor Dr. Moisés Martins de Lemos, apesar de "retirado" de sua Universidade do Minho, seguirá sua extraordinária carreira acadêmica ao assumir a direção da Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação, da Universidade Lusófona, em Portugal. Assim, não perdem os estudantes portugueses, nem os brasileiros, as oportunidades de continuarem a se encontrar com o professor e pesquisador.

Lemos formou-se doutor na Universidade de Strasburgo, em 1984, com a tese *De la pratique politique de l'Église à la volonté de pouvoir salazariste*,

que foi traduzida para o português e transformada em livro em 1989. O título foi parcialmente modificado para *O olho de Deus no discurso salazarista* e recebeu nova edição em 2016.

Reatando os nós

Esta aparente reedição de *O olho de Deus no discurso salazarista*, pode-se entender agora, foi, de certo modo, um atar das pontas da vida: o professor sabia que a hora da aposentadoria se aproximava e tratou de revisitar-se, de reavaliar-se.

Moisés de Lemos Martins não se limitou, portanto, a reeditar o trabalho. Releu-o, fez sua autocrítica e incluiu-a na nova edição, valendo-se, para isso, de dois diferentes corpos de composição, além de um "prefácio" à nova edição, que é uma bela, evocativa e crítica viagem em torno de si mesmo e de sua obra. O que Moisés de Lemos Martins consegue fazer com este trabalho, em sua segunda versão, é algo raro de se encontrar em livros de ensaios: ele propõe uma releitura de seu próprio trabalho original. Primeiro, testando e comprovando sua coerência; e, segundo, ampliando e aprofundando suas reflexões, o que se expressa sempre na abertura de cada capítulo.

De certo modo, o autor se dispôs, não apenas a reeditar um trabalho de pesquisa, realizado ainda no ardor de uma juventude doutoranda, quanto decidiu colocá-lo à prova de fogo. Sua base teórica é evidente: como referência na época, Louis Althusser, Roland Barthes, Pierre Bourdieu e Michel de Certeau, além de Michel Maffesoli, a partir de obras que ainda hoje são lidas e utilizadas inclusive pelos pesquisadores brasileiros – e certamente portugueses. Mas sua principal referência, que lhe dá o caminho e o foco de análise é, na verdade, Michel Foucault. Aliás, para quem, depois de consultar a bibliografia, for buscar o índice dos autores citados, vai verificar que, à exceção de António Salazar que é, em última análise, o personagem de estudo e do qual, por consequência, o pesquisador precisa apresentar múltiplas citações, a partir dos discursos ciosamente guardados e publicados

² Disponível em: www.museuvirtualdalusofonia.com. Acesso em: 29 ago. 2023.

por seus admiradores e seguidores (ainda hoje são comuns, nas vitrinas de livrarias e editoras portuguesas, livros novos e reedições de obras sobre Salazar e o salazarismo...), o autor mais referido é justamente Michel Foucault.

Portanto, a linha de estudos de Moisés Lemos Martins tem a ver com aquela ótica desenvolvida por Foucault em torno do poder das instituições, que ele depois aprofundaria em seus trabalhos sob a perspectiva dos estudos culturais de feição britânica, a partir de Birmingham.

O "olho de Deus" aludido no título da obra é, evidentemente, o olho do próprio Salazar, através da polícia do Estado Novo, a famigerada Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), através da qual Salazar e seus prepostos pretendiam controlar, não só as atividades externas dos cidadãos lusitanos quanto, até mesmo, suas ideias. Daí a perspectiva adotada pela obra de Moisés Lemos, sintetizada no segundo capítulo da terceira parte da obra. Parafraseando o Platão de *A república*, a política salazarista pode ser sintetizada no que Lemos denomina de "parábolas", como aquelas duas de maior evidência, "a boa dona de casa" e "a nau imperial". A primeira tem a ver com uma pretendida relação entre a competência da dona de casa (vida privada) que deve saber administrar os bens de que dispõe a fim de, mesmo com pouco dinheiro, dar conta de suas responsabilidades. Evidentemente, a parábola refere Salazar como esta "boa dona de casa" que cuida das necessidades do lar, que é Portugal. Claramente, a parábola ganha e mantém substância quando se sabe que Salazar foi inicialmente nomeado Ministro da Fazenda diante da contínua calamidade em que vivia a economia portuguesa. O corolário desta parábola é que a atividade multipartidária, que caracterizava a democracia portuguesa, era perniciososa à mesma e, portanto, deveria ser subtraída, ao menos, provisoriamente. Quando ocorre o golpe de estado, em 1933, é justamente isso o que Salazar vai promover, a supressão dos partidos políticos, considerando que a atividade partidária é nociva aos interesses do país e de sua cidadania, colocando-se, ao mesmo tempo, como a

"dona de casa" providencial. Esta parábola, pois, está voltada essencialmente para um consumo interno e certamente ganhou apoio da maioria da população nacional, naquele contexto cansada das lutas intestinas da ainda recente república (Portugal declarara a república em 1910, após um duplo regicídio). Entre a queda da Monarquia e o golpe do Estado Novo, decorreram dezesseis anos, com sete parlamentos, oito presidentes da República, 45 governos, 40 chefias de governo (um presidente do Governo Provisório e 38 presidentes do Ministério), duas presidências do Ministério que não chegaram a tomar posse, dois presidentes do Ministério interinos, uma junta constitucional, uma junta revolucionária e um ministério investido na totalidade do poder executivo. Foi pródiga em convulsões sociais e crimes públicos e políticos. O mais importante, e que explica um apoio decisivo que o Estado Novo terá, ao longo de todo o tempo de sua existência: a Igreja Católica e sua força política caiu junto com a Monarquia, e só foi retomar seu poder justamente após o golpe de 1933.

A parábola do "olho de Deus"

Daí a parábola do "olho de deus" da análise proposta: Salazar se pretende uma espécie de representante de Deus no governo português. Ele assume uma perspectiva de responsabilidade moral e ética para com seus contemporâneos e contemporâneos, performando uma função salvacionista (o que não era raro, naqueles tempos, e não só na Europa: os discursos que amparam o nascimento de Adolf Hitler, na Alemanha; de Benito Mussolini, na Itália; de Francisco Franco, na Espanha; de Getúlio Vargas, no Brasil; de Juan Domingo Perón, na Argentina, seguem o mesmo caminho, alguns dos quais com o mais franco apoio e participação da Igreja Católica, como no caso da Espanha e da Itália, da Argentina e do Brasil) que tem uma base religiosa, mas se tingem com as responsabilidades político-administrativo-financeiras.

A segunda parábola, a da "nau imperial", tem um aspecto mais complexo: está dirigida ao público externo, internacional (Portugal será praticamente a última nação colonialista com

presença ativa na África, que defende mediante um discurso civilizador), mas também ao público interno. Ela serve de substituto às eventuais críticas contra as práticas colonialistas, atendendo a um certo saudosismo, consciente ou não, verdadeiro ou não do passado português de conquistas e glórias transoceânicas, iniciado ainda no século XV, com a descoberta do Cabo Verde, e que culminará na chegada ao atual território da Índia e do Brasil. Perdidas algumas dessas antigas colônias, há que manter o princípio da superioridade da nação portuguesa em face dos demais países, o que se faz através de um discurso autopromocional de tranquilidade e de enraizamento da identidade portuguesa em seu passado e, sobretudo, em sua origem rural. Não por acaso, Salazar jamais viajou ao exterior, nem antes, nem depois de se tornar Primeiro Ministro e ditador; negou-se sempre à modernização de Portugal em sentido amplo (o que ser refletiria, depois, no atraso do país frente à União Europeia), ainda que um dos homens de sua maior confiança, António Ferro, justamente aquele que estava à testa da PIDE, pensasse continuamente, e por ela atuasse, objetivamente, a modernidade do país, inspirado inclusive nas ideias do italiano Filippo Tommaso Marinetti, autor do *Manifesto Futurista* (1909), conforme o abrangente estudo de Margarida Acciaiuoli.³ Sobretudo, persiste o princípio "civilizatório" que Portugal desempenharia junto à barbárie dos continentes colonizados.

O apêndice do livro de Moisés Lemos é ilustrativo de sua teoria e a comprova na prática: trata-se de uma iconografia de diferentes livros de formação educacional das crianças, as conhecidas cartilhas, que aproximam as figuras da religião e da política (a religião é uma política, desde que seja a da Igreja Católica e representada pelo Estado Novo), e até mesmo Salazar a Deus (conforme a parábola platônica, Salazar foi ungido/escolhido por Deus).

Fiel à tradição dos estudos culturais, Moisés Lemos, depois de rapidamente se preocupar referir, alguns dos livros que, em seu entendimento,

melhor estudaram o salazarismo, chama atenção para o fato de que nenhum deles preocupou-se com a questão do imaginário popular que seria, em última análise, o elemento constituinte mais eficiente para o apoio e a longevidade do regime, tarefa a que ele se propõe através de seu trabalho de pesquisa.

Por que escrever, no entanto, em 2022 a respeito desta obra? O motivo é simples: substitua-se Antonio de Oliveira Salazar por Jair Bolsonaro e o resultado é estarrecedor, tanto na pretendida relação entre o político e Deus (retornando ao período absolutista do poder teocrático dos reis), quanto na perspectiva salvacionista que aquele/este governo pretende, no combate ao comunismo (até isso!).

Referências

ACCIAIUOLI, Margarida. **António Ferro**. A vertigem da palavra. Lisboa: Bizancio, 2013.

MAFFESOLI, Michel; MARTINS, Moisés de Lemos. L'imaginaire des médias. **Sociétés**, Paris, v. 111, 2011.

MARTINS, Moisés de Lemos. **Para uma inversa navegação**: o discurso da identidade. Porto: Afrontamento, 1996.

MARTINS, Moisés de Lemos. **Crise no castelo da cultura**. Das estrelas para os ecrãs. Coimbra: Grácio Editor, 2011

MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz (org.). **Do Post ao Postal**. Famacião: Húmus, 2014.

MARTINS, Moisés de Lemos (ed.). **Lusofonia e Interculturalidade**. Promessa e Travessia. Famacião: Húmus, 2015.

MARTINS, Moisés de Lemos. **O olho de Deus no discurso salazarista**. Porto: Afrontamento, 2016.

MARTINS, Moisés de Lemos; MIRANDA, José Bragança de; OLIVEIRA, Madalena; GODINHO, Jacinto (ed.). **Imagem e pensamento**. Coimbra: Grácio Editor, 2017.

Antonio Hohlfeldt

Doutor e mestre em Letras e Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Fernando Pessoa, em Portugal. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³ ACCIAIUOLI, M. *António Ferro* – A vertigem da palavra. Lisboa: Bizancio, 2013.

Eduardo Comerlato

Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, RS, Brasil; graduado em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Endereço para correspondência

Antonio Hohlfeldt/ Eduardo Comerlato
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Av. Ipiranga, 6681, sala 318
Partenon, 91215-290
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.